

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA PERSPECTIVA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Lucas Melgaço da Silva
Antônio Carlos da Silva Santos
Antônio Gustavo Santos Oliveira
Israel Vital Viana

RESUMO

Este artigo visa discorrer sobre a realidade e o contexto do ensino superior no Brasil em uma perspectiva da EAD, trata-se de um processo de construção que não é tão antigo em nossa realidade. Visamos apresentar um estudo detalhado a princípio aprofundando os passos e caminhos que a EAD deu no Brasil, para tanto será necessário realizar uma breve contextualização ainda que sem aprofundar seu contexto histórico. Discorreremos ainda em uma linha do desenvolvimento que se deu ao longo da história da educação a distância no Brasil. Uma contextualização a partir de um processo de crescimento e desenvolvimento desta modalidade de ensino em nossa realidade. Buscaremos ainda abordar os pressupostos didáticos e pedagógicos que estão relacionados ao EAD no Brasil, desta as estratégias didáticas, os ambientes virtuais de aprendizagem que materializam esta modalidade de ensino, seus respectivos desafios e conquistas ao longo dos anos. Finalizando, assim, com uma breve abordagem da questão da avaliação quando relacionada ao EAD.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância, ensino superior, didática, ambientes virtuais de aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A educação traz consigo uma natureza de complexidade, trata-se de uma sequência da formação da personalidade pessoal e social do ser humano, dado que o ser humano constitui-se de um constante processo de construção e reconstrução de conhecimento, uma vez que a cada espaço de tempo vamos nos reinventando e nos redescobrimos. Com a inclusão de tecnologias da comunicação no processo de ensino configura-se ainda mais uma complexidade que por sua vez não quer dizer que seja complicada.

Trata-se de um desafio a coexistência de dois modelos educacionais distintos, o presencial e o não presencial, que pela nossa realidade caminham cada vez mais próximas. Desta forma segundo, Elseve(2001), a educação não presencial em todas as suas modalidades tem sido ofertada com a nomenclatura de educação à distância (EAD). Essa modalidade de ensino cresce a cada dia mais no Brasil, segundo Dias e Leite (2014) o número de alunos que estudam em instituições oficiais que praticam a modalidade de ensino de educação a distância no Brasil cresceu 62,6% em relação ao ano de 2004, os cursos de graduação a distância cresceram entre 2004 e 2005 74% no mesmo período o número de vagas em cursos de graduação subiu 274%. Podemos inferir que este crescimento se deu sobretudo em virtude da maior flexibilidade que a modalidade de educação a distância oferece ao seu público.

Diante deste contexto a educação a distância (EAD) já faz parte das políticas públicas voltadas ao ensino superior no Brasil. Conforme preceitua a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 80 que coloca que o poder público deverá incentivar o desenvolvimento de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino bem como de educação continuada.

Uma vez preceituada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação como sendo também responsabilidade do poder público a educação a distância no que tange ao ensino superior tem ganhado maior notoriedade no campo da educação superior no Brasil. Segundo Moraes (2010) é necessário evitar a redução da educação a distância a ideia de ensino por computadores e redes virtuais.

É necessário tomar o termo como algo mais abrangente, que seja capaz de englobar as mais diversas maneiras de organizar as atividades de ensino aprendizagem. É fundamental que possam ser adotadas formas de estimular e assistir ao estudante, sobretudo do ensino superior para que este possa desenvolver uma autodisciplina, haja vista, que aos discentes da educação a distância cabe organizar seu próprio ritmo de estudos.

Ao tomarmos a EAD como modalidade de ensino é preciso dar novas roupagens a conceitos já elaborados, o tempo de ensino aprendizagem, o ambiente, o espaço da

aprendizagem, o formato do público (a turma; a classe). Veja que estas ideias já possuem uma conceituação pronta e nossa realidade, no entanto, quando pensada para uma nova modalidade de ensino passa a requerer que seja repensada a sala de aula física a qual estamos habituados, passa a dar espaço a sala de aula virtual em que embora estejam em vários lugares distintos os discentes também estão conectados a sala de aula virtual.

Um outro ponto que se faz necessário redefinir segundo Moraes (2010) é a figura do professor, o próprio formato dos materiais utilizados que saem da dimensão física e dão lugar ao digital, é bem verdade que o ensino a distância depende de elementos que são menos estratégicos no ensino presencial.

A autodisciplina do aluno aliada à sua necessária capacidade de autoinstrução, onde o discente deve ir construindo um senso de compromisso pessoal com sua vida acadêmica. O docente por sua vez deverá pensar seu planejamento de uma outra forma de modo que encontre diferentes estratégias de chamar a atenção do seu aluno e instigá-lo aos estudos, é bem verdade que o aluno deve ter sua autodisciplina, no entanto, é fundamental que o planejamento e estratégias do docente estejam de fato próximos a realidade da EAD.

Segundo Moraes (2010), há cursos de graduação oferecidos inteiramente na modalidade virtual, bem como especializações, lato sensu, formações continuadas e os chamados cursos livres. Em alguns modelos e situações os encontros presenciais são indispensáveis e necessários, dado o contexto e organização dos próprios cursos, encontros de estudos, visitas e momentos de estudo coletivo em bibliotecas etc. Trata-se das tutorias presenciais. Em outros casos não há encontros presenciais, apenas momentos de interação em ambientes virtuais de aprendizagem, elementos que discutiremos com maior propriedade no decorrer de nosso trabalho.

Em um contexto educacional que verse pela ampliação do acesso ao ensino superior é necessário inferirmos que a modalidade de ensino a distância pode ainda colaborar para um rompimento de certos paradigmas. Um dos pontos é a questão da exclusão digital, em que se faz necessário formular estratégias de inclusão, sobretudo das camadas mais amplas da sociedade. Um outro ponto é a dimensão das deficiências

advindas dos egressos do ensino médio que passam agora a serem alunos do ensino superior, o que tem sido através das chamadas disciplinas de nivelamento oferecidas aos alunos de graduação seja na modalidade presencial, seja na modalidade a distância.

Segundo Moraes (2010), diferentemente da modalidade presencial, a EAD requer ainda a elaboração de materiais didáticos pedagógicos que possam ser capazes de suprir as eventuais lacunas que são atípicas desta modalidade educacional. Buscaremos realizar ainda um paralelo entre o pensamento de quem já utiliza a modalidade de ensino EAD e aqueles que almejam sua utilização, dado que, para muitos esta modalidade configura-se como uma oportunidade em potencial para se ter a oportunidade de cursar o ensino superior em meio a um cotidiano de trabalho e tantas outras atividades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO:

A educação a distância busca configurar-se como uma resposta a determinados desafios e novas necessidades. Segundo Moraes (2010), um destes desafios é a massificação do ensino superior no Brasil, haja vista que a perspectiva do EAD no ensino superior ultrapassa os limites físicos das instituições de ensino, possibilitando um acesso mais amplo a este nível de ensino.

Convencionou-se ao longo do tempo moldar um conceito acerca do que se pensa ser a EAD, daí tomamos entre as definições mais conhecidas de Gustavo Cirigliano (1983) que diz que a “educação a distância é um ponto intermediário de uma linha contínua em cujos extremos se situam de um lado, a relação presencial professor-aluno, e, de outro, a educação autodidata, aberta, em que o aluno não precisa da ajuda do professor.” (apud LANDIM, 1997, p. 28).

Garcia Llamas, por sua vez, define educação a distância como “uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem, sem limitação de lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores novas atitudes e novos enfoques metodológicos.” (IDEM, p. 29). Nessa mesma linha caminha a concepção da Unesco, ao definir a educação a distância como “um ambiente de ensino aberto, flexível, adaptado às diversas necessidades de

aprendizagem e facilmente acessível para todos, em distintas situações” (UNESCO, s/d, p. 1) e que busca superar obstáculos relacionados ao espaço, tempo, idade e circunstâncias.

A EAD pode também ser definida como uma “relação professor aluno ou ensino-aprendizagem mediada pedagogicamente e mediatizada por diversos materiais instrucionais e pela orientação tutorial. Isto é válido tanto para ambientes pedagógicos tradicionais como para aqueles que usam as novas tecnologias” (RIANO, 1997, p. 20).

A nova perspectiva aberta pelas tecnologias digitais fortalece o enfoque central da EAD, que se baseia na premissa de que a educação deve ser construída através de uma ação colaborativa, obtida através da sinergia entre alunos, professores e tutores que passam a reconstruir virtualmente espaços reais de interação. Um outro conceito que podemos tomar por referência é o conceito de Nunes;. (1993):

[...] a educação/ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais. Esse método se aplica via o uso extensivo de meios de comunicação, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender. (NUNES, 1993. p. 16)

Conforme temos visto o conceito de Educação a Distância abrange um vasto território de informações e características que tem mais a ver com circunstâncias históricas, políticas e sociais do que com a própria modalidade de ensino. Por fim tomaremos o conceito de EAD proposto pelo Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, do Ministério da Educação (MEC):

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005, Art. 1º).

No Brasil a trajetória da educação a distância não foi muito diferente do que ocorreu no restante do mundo. É bem verdade que a EAD no Brasil é cheia de percalços e interrupções, desde as primeiras décadas do século XX algumas experiências são desenvolvidas, com uso de material impresso e rádio, tecnologias disponíveis em cada época. Vidal e Maia (2010) colocam que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada em

1923, mais tarde incorporada pelo Ministério da Educação, é uma das primeiras iniciativas de EAD que se tem notícia. O Instituto Monitor criado em 1939 e o Instituto Universal Brasileiro fundado em 1941 são exemplos de iniciativas que ainda hoje ofertam cursos por correspondência atendendo estudantes em todo o território nacional.

Dalmau (2001), coloca que é importante destacar que antes mesmo da publicação da LDB em 1996, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em 1994 realizou o primeiro processo seletivo para um curso de graduação a distância, dirigido para formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. De 1994 a 2009 a história da EAD no Brasil registra avanços significativos e de forma acelerada, chegando a compensar o lento ritmo com que caminhou na segunda metade do século XX em relação a outros países que criaram seus sistemas de EAD.

Segundo Piva, Pupo, Gamez e Oliveira (2011), em 1995 foi criada a secretaria de educação a distância (Seed) junto ao ministério da educação e cultura. Esta secretaria por sua vez passou a coordenar os programas da TV Escola (de formação de professores), e o PROINFO (Programa de Informática Educativa). Na década de 1990 o Brasil viveu um momento de muitos investimentos em EAD, o que se materializa conforme já fizemos referência no Art. 80 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). De tal modo que a partir do final dos anos 1990 a EAD passou a romper as barreiras até então existentes.

Literalmente a ideia de educação a distância nos remete a uma modalidade de transmissão e construção de conhecimento sem a presença simultânea dos agentes envolvidos, logo nesta perspectiva a difusão da escrita tem sido uma das principais tecnologias que podemos aplicar a modalidade em questão. Segundo Piva, Pupo, Gamez e Oliveira (2011), um dos grandes problemas da educação nesta modalidade é a questão da ausência de interatividade no processo de aprendizagem, no entanto, com a implantação das novas tecnologias este cenário começa a sofrer modificações.

Haja vista que as possibilidades de interação entre os diversos sujeitos do processo educacional abriram novas portas e romperam paradigmas já solidificados. Certamente que a tecnologia não rompeu a questão da dificuldade do contato face a face, no entanto com a questão da internet com múltiplos recursos tecnológicos. Tal dimensão

faz com que haja menos centralização no professor enquanto co-construtor de conhecimento e passa a vez ao aluno como principal responsável pelo seu aprendizado, assume a condição de ator principal de sua aprendizagem, dado que, precisará desenvolver um maior senso de disciplina e auto responsabilidade consigo.

Nesta perspectiva temos a questão dos ambientes virtuais de aprendizagem, que por sua vez podemos considerar como sendo uma sala de aula virtual, o espaço virtual de aprendizagem. Segundo Piva, Pupo, Gamez e Oliveira (2011), atualmente os ambientes de aprendizagem possuem instrumentos que possibilitam uma aprendizagem com retorno mais rápido. Dessa maneira com esse *feedback*, há um maior sucesso na educação online, uma vez que há maiores possibilidades de interatividade, através de chats, portfólios entre outros que são atípicos dessa modalidade de ensino. Sobre esta dimensão asseveram os autores:

Os AVA, ou plataforma para Educação Online, são softwares para gerenciamento do processo de ensino aprendizagem que administram funcionalidades comuns dos softwares de comunicação, mediado por computador e métodos utilizados em cursos oferecidos de forma online. {...} nesta perspectiva um AVA, o professor tutor, o aluno, o grupo, a classe, os manuais e outros recursos são subsistemas em interação orientados em direção ao desenvolvimento de novos conhecimentos. (MORAES, 2010. p. 98)

Podemos inferir que os ambientes virtuais de aprendizagem possibilitam aos professores, bem como aos tutores a vivência de uma nova realidade em que as tecnologias da informação e comunicação estão cada vez mais presentes, desta maneira ao utilizar um ambiente virtual de aprendizagem cria-se um novo espaço de interação entre professores e alunos, uma nova forma de relacionamento e troca de ideias. O professor, portanto, passa a ter uma sala de aula virtual em que pode disponibilizar variados materiais e informações relacionadas ao curso que eventualmente estiver sendo ministrado.

É necessário perceber que a maioria desses sistemas não tem a intenção de simplesmente reproduzir a sala de aula, fazendo como uma transferência do espaço físico para o espaço virtual, mas deseja de fato propiciar aos discentes novas ferramentas que possam por sua vez favorecer situações de aprendizagem. Logo, estes ambientes procuram alcançar a maior quantidade possível de estilos de aprendizagem. Encorajando

a aprendizagem colaborativa fundada em recursos que possam possibilitar um maior e amplo compartilhamento da informação.

Como discurremos há uma realidade atual que possibilita uma maior universalização dos chamados ambientes virtuais de aprendizagem, várias instituições de ensino superior possuem seu próprio ambiente virtual em vista de possibilitar uma maior interação e geração de nova aprendizagem colaborativa.

Dentre estes ambientes temos o SOLAR, desenvolvido pelo Instituto UFC Virtual, da Universidade Federal do Ceará, que é um ambiente virtual de aprendizagem. Ele é orientado ao professor e ao aluno, possibilitando a publicação de cursos e a interação com os mesmos. Ele foi desenvolvido potencializando o aprendizado a partir da relação com a própria interface gráfica do ambiente, sendo desenvolvido para que o usuário tenha rapidez no acesso às páginas e ao conteúdo, fácil navegabilidade e compatibilidade com Navegadores. Aqui, o interagente se sente seguro a explorar os espaços disponibilizados. O ambiente é apoiado numa filosofia de interação e não de controle.

A partir do segundo semestre de 2014 as atividades desenvolvidas no meio acadêmico através do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), em especial os cursos semipresenciais da UFC, farão uso de um novo espaço. O Solar 2.0 disponibiliza tudo que o anterior Solar (AVA criado pela UFC). Este novo ambiente de aprendizagem virtual é uma convergência das modalidades semipresenciais e presenciais de educação.

O Solar 2.0 foi projetado a partir de pesquisas realizadas na área de design de interfaces, usabilidade e acessibilidade. Além de simples, rápido e agradável, agora pode ser acessado de diferentes mídias de dispositivo como celulares e tablets, o espaço ainda tem a possibilidade de personalização e integração com ferramentas da Web 2.0 como, por exemplo: Facebook, Mensagens Instantâneas e Google *Analytics*.

Um outro ambiente é o Moodle que é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre. É um acrônimo de Modular *Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos). Ele foi e continua sendo desenvolvido continuamente por uma comunidade de centenas de programadores em todo o mundo, que também constituem um grupo de

suporte aos usuários, acréscimo de novas funcionalidades, etc., sob a filosofia GNU de software livre. Uma fundação (www.moodle.org) e uma empresa (www.moodle.com) fornecem, respectivamente, o apoio para o desenvolvimento do software e sua tradução para dezenas de idiomas, e apoio profissional à sua instalação.

O Moodle, Segundo Piva, Pupo, Gamez e Oliveira (2011), foi um projeto desenvolvido por Martin Dougiamas um informático Australiano, que tem vindo a ser desenvolvido desde 1990 e do qual surgiu da vontade de conciliar a Internet com o ensino, é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre. É também um sistema de gestão do ensino e aprendizagem (conhecidos por suas siglas em inglês, *LMS - Learning Management System*, ou *CMS – Course Management System*), ou seja, é um aplicativo desenvolvido para ajudar os educadores a criar cursos on-line, ou suporte on-line a cursos presenciais, de alta qualidade e com muitos tipos de recursos disponíveis.

O Moodle não só é usado em universidades, mas também em escolas secundárias e primárias, organizações sem fins de lucrativos, empresas privadas, por professores independentes e mesmo por pais que ensinam em casa.

A filosofia educacional sobre a qual se baseia o Moodle é a do construcionismo, que afirma que o conhecimento é construído na mente do estudante, ao invés de ser transmitido sem mudanças a partir de livros, aulas expositivas ou outros recursos tradicionais de instrução. Deste ponto de vista os cursos desenvolvidos no Moodle são criados em um ambiente centrado no estudante e não no professor. O professor ajuda o aluno a construir este conhecimento com base nas suas habilidades e conhecimentos próprios, ao invés de simplesmente publicar e transmitir este conhecimento.

Por esta razão, o Moodle dá uma grande ênfase nas ferramentas de interação entre os protagonistas e participantes de um curso. A filosofia pedagógica do Moodle também fortalece a noção de que o aprendizado ocorre particularmente bem em ambientes colaborativos. Neste sentido, o Moodle inclui ferramentas que apoiam o compartilhamento de papéis dos participantes (nos quais eles podem ser tantos formadores quanto aprendizes e a geração colaborativa de conhecimento, como wikis, e-

livros, etc., assim como ambientes de diálogo, como diários, fóruns, bate-papos, etc).

Machado (2010), coloca-nos que a educação a distância realizada em AVA, conforme apresentamos alguns exemplos acima diluem as fronteiras e os espaços, tempos e tradições numa possibilidade contínua de tensão entre a aproximação e o distanciamento, nas relações entre os agentes que a realizam: alunos, professores, tutores, tecnólogos, etc. Tensão esta evidenciada em práticas educativas, em movimentos que se davam através dos correios em tempos passados, passa a ganhar novas dimensões com o rádio e a TV e, hoje, assume dimensões planetárias através da Internet.

Ainda que com tantas transformações e superações que tiveram como consequência um melhoramento segundo Moraes (2010) a EAD esteve marginalizada e representava a periferia dos sistemas de educação destinado a camada mais pobre da população. É comum observamos ainda em nossa realidade que os cursos de educação a distância ainda enfrentam um obstáculo, o pré-conceito de que se não são presenciais não possuem qualidade. No entanto os avanços tecnológicos atuais e a facilidade de acesso aos meios de comunicação fizeram com que a modernização desta modalidade de ensino toma-se ainda outra configuração favorecendo uma melhoria e melhor desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Tais situações provocaram uma mudança de paradigma no que diz respeito às concepções anteriores de educação a distância, de tal modo, que se percebe uma massa populacional optando por esta nova modalidade de ensino.

A partir dos conceitos e ideia até aqui percorridos percebemos que a ideia de educação a distância nos remete a qualquer ideia de transmissão e construção de conhecimento sem a presença simultânea de agentes envolvidos, em nosso caso, professores e alunos. Daí esta modalidade de ensino buscar supri a necessidade de parte da população que não possui condições de estar no ambiente físico da sala de aula, por razões diversas, como trabalho que gera uma dificuldade de conciliar os horários, a dificuldade de locomoção, sobretudo em cidades interioranas. É um fato que um dos grandes gargalos desta modalidade de ensino é a questão da interatividade entre os próprios alunos e os professores, o que dificulta a interação e troca de experiências. Tomamos a fala de um aluno do curso Administração Pública na modalidade EAD, que

coloca qual a dificuldade que percebe enquanto aluno de um curso superior a distância.

O uso de ferramentas ainda em estado incipiente para o EAD associado em alguns casos a baixa intimidade dos docentes com as novas tecnologias. Percebe-se claramente que as plataformas de EAD andam um passo atrás dos aplicativos que fazem uso com boa funcionalidade de recursos como bate papo, redes sociais, compartilhamento de conteúdo e de processos colaborativos. (Aluno do Curso de Bacharelado em Administração Pública- Unilab- 3º semestre).

A partir da fala do aluno, percebemos uma confirmação dos aspectos hora trabalhados, segundo Dias e Leite (2014), o abandono dos estudos representa um dos mais preocupantes problemas da EAD, enfrentados na atualidade nas instituições que a ofertam. As consequências deste fenômeno afetam tanto a própria instituição docente como aos seus alunos, haja vista que constituem um potente indicador de ineficiência institucional e por outro, uma frustração de expectativas de pessoas que buscam a modalidade da EAD e se frustram na aprendizagem recebida. É importante considerar os perfis dos participantes que irão estudar na modalidade à distância, no sentido de que as características desejadas para ingressar neste tipo de programas contemplem as capacidades para o auto estudo e motivação que lhes permita superar os obstáculos inerentes à modalidade, assim como um domínio acessível das habilidades para utilizar os recursos das TIC, incluindo os ambientes virtuais de aprendizagem.

É notório que em muitas situações os discentes de EAD trazem consigo dificuldades que em muitas situações os desmotivam a continuidade de suas atividades, tomando a fala de um aluno, ‘talvez a principal dificuldade que nós alunos de EAD encontramos seja justamente que cursos nesta modalidade exigem muito de nossa capacidade de auto aprendizagem, precisamos ser autodidatas ao extremo’. (Aluna do 3º semestre do Curso de Administração Pública EAD – Unilab).

A ideia do autodidatismo exige dos discentes uma postura de maior compromisso com seu processo de aprendizagem. Ainda que surja como gargalo é perceptível que ao final de suas atividades acadêmicas os discentes já têm desenvolvido um maior senso de autodisciplina e corresponsabilidade que lhes possibilita inclusive um maior crescimento profissional em um menor espaço de tempo, dado que, o mercado em si não faz distinção entre os egressos do ensino presencial ou EAD. Na fala de outros

discente do mesmo curso de administração EAD abaixo posta quando perguntado sobre as principais características do estudante do ensino superior na modalidade EAD?

Ter compromisso com o ambiente virtual que deve ser sempre acessado e assim executar as atividades e ter como realizar as provas. E ter muita determinação e persistência, pois esta modalidade necessita ainda ser aprimorada, principalmente no tocante ao feedback que deverá ser feito com compromisso e de maneira rápida.(Aluno do Curso de Bacharelado em Administração Pública- Unilab- 7º semestre).

É possível perceber a fala do aluno já no sétimo semestre se reveste de maior maturidade que se mostra sobretudo nesta dimensão do compromisso pessoal com a própria aprendizagem. Podemos inferir que ao longo do curso a tendência dos discentes é uma maior adaptação e internalização deste processo de ensino, o que podemos considerar como sendo um maior processo de adaptação ao curso.

As frustrações dos alunos e tutores na EAD podem estar motivadas por vários fatores: ausência de ajuda ou de resposta imediata por parte de tutores e colegas, instruções ambíguas no curso, problemas técnicos, inadequação do modelo pedagógico aos estilos cognitivos e características pessoais dos estudantes e dificuldades relacionadas com aspectos da situação vital dos alunos (aspectos sociais, familiares e pessoais).

É bem verdade que há situações em que os discentes desta modalidade de ensino precisam de uma motivação diária de lhes possibilite uma continuidade de suas atividades discentes os contextos e situações de que advém estes discentes são bastante variados, haja vista a flexibilidade proveniente deste modelo de ensino seu público alvo traz como marca elementos diversos que por sua vez vão exigindo desta modalidade de ensino a adoção de metodologias que sejam, capazes de responder às necessidades destes discentes, de tal modo, a lhes possibilitar instrumentos e métodos que possam colaborar de maneira significativa com seu processo contínuo de ensino aprendizagem, logo, a flexibilidade e o senso de corresponsabilidades devem ser marcas indeléveis desse processo. Acerca de um processo de construção coletiva de aprendizagem bem como do nascimento de uma maior motivação assevera, Piva, Pupo, Gamez e Oliveira (2011).

Uma evolução provocou uma mudança paradigmática no sentido que a individualização cedeu lugar a colaboração. A aprendizagem independente passou a ser

sustentada por experiências colaborativas entre alunos e professores, e alunos entre si. Os sistemas de gerenciamento de cursos online reforçaram a socialização e passaram a ser desenhados de maneira a permitir vários tipos de interação, proporcionando meios para estimular o envolvimento e a comunicação entre participantes, hora por ferramentas tecnológicas em tempo real, hora por momentos presenciais. (Piva, Pupo, Gamez e Oliveira, p.14. 2011).

Armstrong (2002) explorou diversos fatores relacionados com o contexto pessoal e social dos alunos que influenciam na percepção da capacidade de completar com êxito um programa de estudo, identificando os seguintes: sentido de pertença a uma comunidade de aprendizagem, confiança na capacidade de gerir os diferentes caminhos virtuais, autoconfiança acadêmica, apoio da família ou no trabalho, demandas familiares e profissionais e o impacto de adicionar o caminho do aluno a de outros caminhos vitais e existentes.

Piva, Pupo, Gamez e Oliveira, (2011), que uma das maiores dificuldades da EAD como a conhecemos hoje é marcada por um certo isolamento da parte do estudante que não conta com o apoio e o estímulo de um grupo de pessoas que estão nas mesmas condições que ele, ou seja, aprendendo as mesmas coisas e ajudando-se mutuamente a vencer as dificuldades que estão relacionadas ao processo de aprendizagem.

Certamente que para efetivação deste processo de construção é necessário que se tenha uma adequada didática, em vista de possibilitar aos discentes um exitoso processo de ensino aprendizagem, do mesmo modo que no ensino presencial em suas mais variadas etapas se faz necessário uma adequada didática de ensino. No ensino EAD não poderia ser diferente. Segundo, Machado (2010), independentemente do distanciamento físico entre professores e alunos, tornou-se imperativo reconhecer que é necessária uma didática que promova a reflexão, a crítica e a transposição de conteúdo, dado que, não se trata apenas da transmissão ou até mesmo construção de conhecimento, deve-se primar por uma instrumentalização didática que possibilite este crescimento coletivo. O processo de ensino-aprendizagem sob o prisma da didática é esclarecido por Libâneo, quando este nos diz que.

O processo didático se explicita pela ação recíproca de três componentes – os conteúdos, o ensino e a aprendizagem – que operam em referência a objetivos que expressam determinadas exigências sociopolíticas e pedagógicas e sob um conjunto de condições de uma situação didática concreta. (LIBÂNEO, 2005, p. 91).

A didática é, portanto, uma atividade educacional especializada, que se preocupa com os problemas de ensino, buscando orientar esse processo pelo exposto, segundo Machado (2010), vimos que as informações que transitam por vias digitais (potencialmente formadoras), requerem, a priori, habilidades didáticas para lidar com os meios de um modo crítico e criativo, transformá-las em conhecimento. Machado (2010, p.46), sobre tal assunto nos diz que “É preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça a diferença”.

Partindo do pressuposto de que a aquisição do saber não se restringe mais aos espaços físicos denominados escolas, faculdades, bibliotecas, dentre outros, urge, portanto, a necessidade de se compreender essa transição paradigmática e elaborar propostas didáticas e metodológicas que não negligenciem a construção do conhecimento. (MACHADO, 2010. p. 40)

A educação a distância (EAD) virtual, também conhecida por EAD Online ou, até mesmo por *e-learning*, destarte, deve contribuir para ampliar qualitativamente e quantitativamente as oportunidades educacionais e a construção do conhecimento. Conforme já nos referimos em trechos anteriores. É, portanto, crucial ao professor explorar todas as possibilidades didáticas e metodológicas. Demo, (1996), coloca-nos acerca da questão.

A EAD não dispensa o professor, embora agregue a seu perfil outras exigências cruciais, como saber lidar com materiais didáticos produzidos com meios eletrônicos, trabalhar em ambientes diferentes daqueles formais da escola ou da universidade, acompanhar ritmos pessoais, conviver com sistemáticas diversificadas de avaliação. (DEMO, 1996, p.200)

Um aspecto que merece nossa atenção dar-se pelo fato de que o fato de professores e alunos estarem fisicamente próximos não os isenta dos problemas de relacionamento decorrentes da jornada educacional, tais problemas e suas respectivas soluções pedagógicas existem na EAD e também nos cursos presenciais. Basta que se estabeleça uma relação confiável e legítima para se estreitar os laços de um relacionamento atípico, porém provocador, para a aquisição do conhecimento, o que a nosso ver é perfeitamente possível de ser construído.

Mas a EAD requer contornos particulares, seja na didática, na metodologia, na avaliação, na interação, na formação do professor, na conscientização dos alunos, portanto, é necessário polir as ideias e teorias da educação presencial, e construir novas ideias e teorias apropriadas para essa modalidade de ensino.

Pelo exposto, vimos que as informações que transitam por vias digitais potencialmente formadoras, requerem, a priori, habilidades didáticas para lidar com os meios de modo crítico e criativo, transformá-las em conhecimento. Machado (2010, p.46), sobre tal assunto nos diz que “É preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça a diferença”.

Discorreremos acerca deste processo de construção do conhecimento que versa, justamente pela necessidade de interação que por sua vez não é apenas possível no ambiente físico, mas também dar-se nos espaços virtuais. Vygotsky (2003) nos coloca que a construção do conhecimento se dá por meio da interação, pois cada pessoa é um ser social, relacional e participante de um processo histórico. Tais afirmações, pensadas no contexto da EAD, segundo Machado (2010), nos levam a compreender que este processo de ensino aprendizagem envolve aquele que ensina o aprendente, e a relação entre eles e a distância que constitui essa modalidade de ensino “virtual”. Contudo, apesar de ser “virtual” não representa abandono ou ausência, ainda segundo o autor hora citado, o fato de se estar presente não garante a interlocução e o diálogo, e esta indica que um tratamento diferenciado nesse processo suscitará a condição humana, que por sua vez estabelecerá a presença.

Por fim pensamos ser necessária uma reflexão sobre a questão do material didático e sobretudo do processo de avaliação da EAD na realidade do ensino superior é necessária ainda uma preocupação com a criação de condições para a aprendizagem do aluno que deve estar presente em todas as modalidades de ensino. Na Educação a Distância (EAD) o material didático constitui-se em elemento mediador entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido e traz em seu cerne a concepção pedagógica que norteia o ensino aprendizagem do curso. Segundo Machado (2010) A probabilidade de sucesso de

um curso a distância é diretamente proporcional à sua qualidade pedagógica, e nos materiais didáticos a qualidade pedagógica pode ser alcançada.

Com vistas a avançar na aprendizagem, mesmo no cenário da aprendizagem virtual, se faz necessária a realização de avaliações, que através de um processo de coleta de dados permite verificar se os objetivos e propostas dos cursos em relação ao conhecimento construído pelo seu corpo discente estão sendo atingidos, e, por conta das múltiplas modalidades de interação, esta deve ocorrer de forma diversificada, sintonizada com cada uma das especificidades do processo.

Machado (2010), nos aponta que diagnosticar as condições dos alunos quando do início do curso, detectar e controlar as falhas e insucessos no decorrer da aprendizagem e classificar os objetivos alcançados são aspectos que, quando devidamente avaliados, podem promover o sucesso do ensino virtual. Nessa perspectiva, o processo de avaliação deve representar momentos privilegiados para alunos e professores, promovendo possibilidades de correlacionar resultados, intensificar os acertos e corrigir os equívocos, principalmente em se tratando de uma modalidade de ensino em processo de consolidação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** de 20 de Dezembro de 1996: Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8º Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- Cirigliano ,Gustavo F.J **La Educaciòn Abierta**. Buenos Aires. El ateneo. (1983)
- DIAS, Rosilânea Aparecida, LEITE, Silva Lígia. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. Editora Vozes. Rio de Janeiro 2014.
- FREIRE, Plataforma.
<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>>> Acesso em 06 de janeiro de 2017 as 19h47min.
- MACHADO, Gláucio José Couri, **Educação e ciberespaço: estudos, propostas e desafios.** / Organização, – Aracaju : Virtus, 2010.
- MORAES, Reginaldo C. **Educação a distância no ensino superior: Introdução didática a um tema polêmico**. Editora Senac. São Paulo, 2010.
- PIVA Jr., Dilermando; PUPO, Ricardo; GAMEZ, Luciano; OLIVEIRA, Saullo. **EaD na Prática: planejamento, métodos e ambientes de educação online**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original publicado em 1926)